

## ***A Carta ao Conselho de Índias, de Vasco de Quiroga*** **Versão bilíngue**

*Geraldo Witeze Junior*  
Instituto Federal de Goiás

### **Resumo**

Neste artigo se apresenta a tradução da *Carta al Consejo de Indias*, escrita por Vasco de Quiroga em 1531, no início da colonização do México. Trata-se de um documento importante para pesquisa em história colonial, pois contém informações sobre a política espanhola nas Índias, bem como a percepção de um letrado sobre os índios e a situação colonial. Além disso, tem grande relevância para o campo dos estudos utópicos, já que ali se encontra a primeira menção à ideia de construir povoados exclusivos para os índios, o que mais tarde se converteria na primeira e mais longa utopia americana.

### **Palavras-chave**

Vasco de Quiroga, Carta ao Conselho, utopia, México, Michoacán

*Geraldo Witeze Junior* é historiador, mestre em Teoria e História Literária e doutor em História. Atuou na educação básica no estado de São Paulo, foi indigenista na Fundação Nacional do Índio e lecionou na Universidade Estadual de Goiás – Unidade de Jussara. Hoje é professor de História no Instituto Federal de Goiás – Campus Formosa. Tem pesquisado temas relacionados à história e à literatura, com especial atenção às utopias, à primeira modernidade e à colonização da América. Ademais, trabalha com questões socioambientais, preocupando-se sobretudo com o bioma do Cerrado, com seus povos e conhecimentos tradicionais.

## **The *Letter to the Council of Indies*, by Vasco de Quiroga** **Bilingual version**

*Geraldo Witeze Junior*  
Instituto Federal de Goiás

### **Abstract**

This paper presents the translation of the *Carta al Consejo de Indias*, written by Vasco de Quiroga in 1531, at the beginning of the colonization of Mexico. It is an important document for research in colonial history, since it contains information on Spanish politics in the Indies, as well as the perception of an erudite about the Indians and the colonial situation. In addition, it has great relevance to the field of Utopian studies, since there is the first mention of the idea of building villages exclusive to the Indians, which would later become the first and longest American utopia.

### **Keywords**

Vasco de Quiroga, Letter to the Council, utopia, México, Michoacán

*Geraldo Witeze Junior* is a historian, master in Theory and Literary History and PhD in History. He worked in the basic education in the state of São Paulo, was an indigenist at the National Indian Foundation and taught at the State University of Goiás – Jussara Unit. Today he is professor of History at the Federal Institute of Goiás – Campus Formosa. He has researched themes related to history and literature, with special attention to utopias, the first modernity and the colonization of America. In addition, it works with socio-environmental issues, focusing on the Cerrado biome, with its peoples and traditional knowledge.

## **Apresentação**

A *Carta ao Conselho de Índias* foi escrita por Vasco de Quiroga em 1531, seu primeiro ano na Nova Espanha. Quiroga foi para o Novo Mundo atuar como ouvidor da Segunda Audiência na cidade México-Tenochtitlán, antiga capital mexicana, conquistada uma década antes pelos espanhóis sob o comando de Hernán Cortez (1485-1547). A Audiência era o órgão máximo da administração colonial, com funções jurídicas e executivas. Naquele momento carregava a importante missão de proibir a escravidão indígena e de remediar os muitos males cometidos por Nuño de Guzmán (1490-1558), presidente da Primeira Audiência, dissolvida pelo Conselho das Índias.

Ainda restavam dúvidas sobre quem presidiria a Segunda Audiência e o motivo principal da carta é defender o nome de Sebastián Ramírez de Fuenleal (1490-1547), bispo de Santo Domingo, para ocupar o posto. Era preciso alguém que fosse muito diferente de Guzmán, do contrário a situação poderia se agravar. Além disso, a carta trata de vários temas que nos ajudam a compreender o período inicial da colonização do México, paradigmático para todos os domínios espanhóis na América.

Um dos assuntos mais relevantes é a ideia de agrupar os índios em povoados exclusivos onde os não-cristãos poderiam ser evangelizados e os já convertidos se fortaleceriam na fé, ficando distantes da influência da antiga religião. Aí está o embrião dos povoados utópicos que Quiroga fundaria pouco tempo depois nos limites de México-Tenochtitlán e nas margens do lago Pátzcuaro, em Michoacán, a oeste. A carta não contém um projeto elaborado desses povoados, mas uma intuição a partir de observações iniciais. Essa percepção primitiva permaneceria com Quiroga até sua morte, em 1535, orientando seu modo de atuar, uma vez que essa utopia se tornou a obra de sua vida.

Mas quem foi Vasco de Quiroga? Sigo as informações de seu biógrafo mais confiável, Fintan B. Warren (1963): nasceu na Espanha, em Madrigal de las Altas Torres, provavelmente no ano de 1478. Uma tradição afirma que morreu aos 95 anos de idade, o que recuaria o ano de nascimento para 1470, mas Warren fornece evidências documentais mais precisas. Pouco se sabe sobre sua infância e juventude, apenas que estudou direito e obteve o grau de licenciado em cânones. Na década de 1520 ocupou cargos nos domínios espanhóis no continente africano e teve contato com um ambiente colonial em que conviviam religiões distintas e com histórico de conflito – Cristianismo e Islamismo.

Retornou à Espanha, onde o esperavam ofertas de cargos importantes, possivelmente por ter bons contatos na corte e no Conselho de Índias. Acabou por preferir a posição de ouvidor na Segunda Audiência a outras que pareciam mais vantajosas, um governo na Espanha ou um posto na Inquisição. Motivos espirituais concorreram para que chegasse a essa decisão, inclusive um episódio místico, mas também o ocaso dos movimentos de renovação espiritual na Espanha, o que levava os humanistas a perderem espaço (Aguayo Spencer, 1970).

No início do reinado de Carlos V (1500-1558) se criaram esperanças da construção de uma espécie de império humanista, só que pouco a pouco esse sonho se mostrou uma ilusão. Erasmo de Roterdã (1466-1536) escrevera o seu *Institutio Principis Christiani* em 1516 para aconselhar o jovem rei, mas paulatinamente sua influência passou a ser mal vista e cresceram as perseguições sobre os erasmistas espanhóis, conforme explicou Marcel Bataillon (1966).

Ora, Vasco de Quiroga era um desses letrados influenciados por Erasmo, o que Silvio Zavala (2007) intuía e que Ross Dealy (1975) comprovou ao identificar uma citação do pensador roterdamês. Se no Velho Mundo os sonhos humanistas se desfaziam, no Novo continuavam vivos: as notícias dos diversos povos indígenas que pouco a pouco iam sendo conhecidos pelos europeus levavam muitos dos humanistas a verem a América como o lugar em que seria possível realizar seus anseios. Tendo isso em mente, sua opção faz mais sentido, pois saía de um ambiente hostil para um desconhecido, onde havia possibilidades em aberto.

Permaneceu como ouvidor da Segunda Audiência até 1536, quando foi nomeado bispo de Michoacán, região que já visitara e onde fundara um dos povoados para os índios, como já dito. A partir daí lutou com afinco para preservá-los, a despeito da forte oposição de muitos espanhóis poderosos, como o próprio Cortez. Essa oposição estava relacionada à luta de Quiroga contra a escravidão indígena, mas também ao fato de que nesses povoados os índios viviam bem, melhor inclusive do que muitos espanhóis. Afinal, tendo por inspiração a *Utopia* de Thomas Morus (1478-1535), ali se trabalhava no máximo seis horas por dia, não havia luxo, mas as necessidades materiais eram atendidas, viviam em igualdade e com dignidade. Fora dos povoados as condições de vida tinham outra inspiração, a do capitalismo predatório que então se desenvolvia. Ali imperavam a violência e a incerteza sobre o futuro.

A tentativa de tornar os povoados um modelo a ser seguido em todos os domínios espanhóis fracassou, como bem atestam os muitos relatos trágicos sobre as guerras contra

os índios e o seu genocídio. No entanto, é possível dizer que a utopia dos *pueblos-hospitales de Santa Fe*, como se chamavam, foi bem-sucedida, pois existiram até a década de 1870, por mais de três séculos. Mais importante do que isso: os Purépecha ou Tarascos, povo indígena de Michoacán, mantêm de Quiroga uma doce recordação: chamam-no *tata Vasco*, um pai que os protegeu da tragédia colonial.

Além da *Carta ao Conselho* Quiroga deixou outros escritos, dentre os quais se destacam a *Información en derecho* (1535), as *Reglas y ordenanzas para el gobierno de los hospitales de Santa Fe de México y Michoacán* (1554-1565) e o seu testamento (1565). É preciso ressaltar que ele se dedicou principalmente às suas tarefas como bispo e à conservação dos hospitais, por isso sua obra escrita não é mais vasta e sistemática. Estava mais preocupado em trabalhar com os índios do que em escrever tratados para os europeus. Ainda assim, nesses textos é possível notar o desenvolvimento do seu pensamento, as transformações na concepção dos povoados e na forma como via os índios. Se sua visão dos nativos parece ter melhorado ao longo das décadas em que conviveu com eles, a perspectiva de mantê-los afastados dos espanhóis e a inspiração na *Utopia* se consolidaram. Até a morte ele não desistiu de sua utopia evangelizadora.

A *Carta ao Conselho de Índias* aparece em várias edições das obras de Vasco de Quiroga. Ainda no século XIX estava na *Colección de documentos inéditos relativos al descubrimiento, conquista y organización de las antiguas posesiones de América y Oceanía*, (Serrano Gassent, 2002). Três edições mexicanas surgiram sob auspícios de Rafael Aguayo Spencer (1940, 1970, 1986), as duas primeiras durante sua vida e uma terceira como uma homenagem póstuma. Essa última está disponível online. Mais recente é a edição espanhola de Paz Serrano Gassent (2002), intitulada *La utopía en América*. Por fim, uma edição comemorativa da Câmara dos Deputados do México (2011) tornou disponível o manuscrito da carta em fac-símile, além da transcrição do texto.

Para traduzir a carta procurei conservar seu sabor arcaico sempre que possível. Mantive os cognatos quando era cabível, bem como os longos períodos e a pontuação estranha para nossos olhos e ouvidos do século XXI. Verti as expressões idiomáticas para equivalentes em português, evitando atualizá-las. Não suavizei as dificuldades e incongruências do espanhol antigo, que não segue as regras gramaticais atuais, afinal, elas ainda não existiam em 1531. A carta em português é difícil de ler da mesma forma que a original. Dessa forma, entrego ao leitor de língua portuguesa interessado nos estudos utópicos e coloniais um documento inédito em nosso idioma com a expectativa de que lhes seja proveitoso, como diria o próprio Quiroga.

## Tradução

### **Carta ao Conselho do licenciado Quiroga, ouvidor daquela Audiência, sobre a vinda do bispo de Santo Domingo como presidente da mesma Audiência e sobre outras coisas de que fala em sua carta a aquele tribunal em 14 de agosto.**

1531.

Mui ilustre senhor: Porque pela carta que todos juntos escrevemos a sua Majestade<sup>1</sup>, que vossa Senhoria verá, escrevemos assaz longamente<sup>2</sup> sobre tudo o que aqui<sup>3</sup> se oferece saber, esta somente será para beijar os pés e as mãos de vossa Senhoria e dizer o meu parecer mais em particular sobre algumas coisas das que, assim, todos juntos escrevemos; no que diz respeito à vinda do bispo de Santo Domingo<sup>4</sup>, por Presidente, por ser tão necessária como por outras [razões] particularmente tenho escrito a vossa Senhoria e a esses senhores do Conselho das Índias, de nenhuma maneira se deve dissimular nem dilatar nem mudar pela vinda de outro, se já não concorressem nele as qualidades que concorrem no bispo, tanto como prelado quanto pela ciência e consciência e experiência das coisas destas partes e da boa ordem da audiência e da chancelaria real, de que aqui houve e há necessidade; porque, segundo o que conheci do bispo, o pouco que vi e conversei em Santo Domingo, e o que depois que cheguei a esta Nova Espanha aqui vi, parece-me que é tão importante a vinda de sua pessoa, que não se deve deixar a seu arbítrio, porque, provido isto, com efeito se provê, a meu ver, mais do que se pensa. Enviar cavaleiro por presidente não convém mais que enviar um fogo, porque aqui para coisas de guerra não é mister, e convém que seja pessoa de letras e experiência e muita consciência e sem cobiça, que nos ajude a levar tão grande e importante carga como a que temos nas costas, e, se for necessário, nos guie no que não alcancemos.

Também escrevemos sobre certas povoações novas de índios que convém muito fazer-se, que estejam apartadas das velhas, em baldios que não são aproveitados pelas velhas e de que, trabalhando, poderão se sustentar muito bem estas novas povoações que digo, rompendo e cultivando os ditos baldios, e esta é sem dúvida uma coisa grande e mui útil e

---

<sup>1</sup> Carlos V, rei da Espanha e imperador do Sacro Império Romano-Germânico.

<sup>2</sup> “*Asaz largo*” no original.

<sup>3</sup> *Acá*” no original. Quando possível verti para as formas portuguesas “*acá*” ou “*cá*”, mas em alguns casos optei pelo sinônimo “*aqui*”, pelo encaixe no texto.

<sup>4</sup> Trata-se de Sebastián Ramírez de Fuenleal (1490-1547).

necessária, porque dela se seguem os proveitos seguintes: Um, que o baldio e estéril se aproveitará e dará seu fruto e se cultivará e não estará perdido. O outro, que essas novas povoações se hão de fazer dos índios que desde meninos se criam e doutrinam com grande diligência e trabalho dos frades que estão nestas partes, na disciplina Xpaã<sup>5</sup>, nos mosteiros, dos quais há muito número deles e, em chegando à idade núbil, os frades os casam por lhes quitar outras ocasiões e pecados; e uns pelo perigo que há de volver às idolatrias de seus pais e deles, em que parece que estão já confirmados por tão longo tempo, e outros por serem pobres e órfãos e não haver onde os enviar nem o que lhes dar, nem maneira alguma para seu sustento; e havendo já como há deles muitos casados, veem-se os frades em muita perplexidade e angústia, e todos nos vemos nela, porque os frades nos pedem o remédio e não sabemos nem há outro que lhes dar, senão o destes povoados novos, onde, trabalhando e rompendo a terra, do seu trabalho se mantenham e estejam ordenados em toda boa ordem de polícia<sup>6</sup> e com santas e boas e católicas ordenanças; onde haja e se faça uma casa de frades, pequena e de pouco custo para dois ou três ou quatro frades, que não alcem a mão deles, até que pelo tempo criem hábito na virtude e se converta em natureza e será tanto o número, que em pouco tempo se poderiam juntar nessas novas repúblicas que não se poderia lá facilmente crer [e] cada qual estaria povoado nos baldios dos términos de sua comarca, porque em cada se há de edificar um povoado destes, e porque há tantos, que parece que são como as estrelas no céu e areias do mar, que não tem conta e não se poderia lá crer na multidão destes índios naturais, e assim sua maneira de viver é um caos e confusão, que não há quem entenda suas coisas nem maneiras, nem podem ser postos em ordem nem polícia de bons Xpaãos, nem estorvar-lhes as bebedeiras e idolatrias nem outros maus ritos e costumes que têm, se não se tivesse maneira de os reduzir em ordem e arte de povoados mui consertados e ordenados, porque, como vivem tão derramados sem ordem nem conserto de povoados, senão cada um onde tem sua pobre parcelinha<sup>7</sup> de milho, ao redor das suas casinhas, pelos campos, onde sem ser vistos nem sentidos podem idolatrar e se embebedar e fazer o que quiserem<sup>8</sup>, como se tem visto e vê a cada dia por

---

<sup>5</sup> “Xpiana” no original, forma abreviada de *crístianos*, muito usada por Quiroga. Em português temos as abreviações *Xpaã*, *Xpão* e *Xpaãos* para *crístã*, *crístão* e *crístãos* (Carvalho, 1998; “Genealogia FB”, [S.d.]), respectivamente, que adotei na tradução.

<sup>6</sup> “Polícia” aqui significa o “conjunto de leis que têm o objetivo de garantir a segurança e a ordem pública” (Caldas Aulete; Valente, [S.d.]).

<sup>7</sup> “Pegujalejo” no original, diminutivo de *pegujal*. De acordo com o *Diccionario de la lengua española (DLE, 2014)* *pegujal* é uma “*pequeña porción de siembra o de ganado*”. O dicionário *Señas* (Brandão; Berliner, 2001, p. 962) traduz como “lote”, mas aqui me pareceu mais adequado verter como “parcelinha” por ser o termo usado no meio rural.

<sup>8</sup> Não há concordância verbal no original entre “*pueden*” e “*quisieren*”.

experiência. E, se os meninos que se hão criado e se criam nos mosteiros houvessem de volver a este vômito, confusão e perigo que deixaram, e à má e perigosa conversa de seus pais, parentes e naturais, como seja coisa natural toda coisa volver facilmente a sua natureza, mui ligeiramente se perverteriam volvendo-se ao seu natural, e seria perder-se o servido e trabalhado por esses mui benéficos e não menos religiosos padres, e melhor não haver sido Xpaãos que retroceder<sup>9</sup>, e não pequena culpa da negligência de todos. E, se isto Deus o guia<sup>10</sup>, como espero que o há de guiar, por ser uma coisa tão grande que não se pode por palavras, a meu ver, explicar, e vossa Senhoria e os senhores do Conselho das Índias o favorecem de maneira que tenha efeito, pois isto da boa conversão destes naturais deve ser o principal intento e fim do que nas coisas destas partes entendem, como esta gente não saiba ter resistência em tudo o que se lhes manda e se queira fazer deles e sejam tão dóceis e atos natos<sup>11</sup> para se poder imprimir neles, andando boa diligência, a doutrina Xpaã ao certo e verdadeiro, porque naturalmente tem inata de humildade, obediência e pobreza e menosprezo do mundo e desnudez, andando descalços com o cabelo comprido sem coisa alguma na cabeça, *Amicti sindone super nudo*<sup>12</sup> à maneira que andavam os apóstolos e, por fim, sejam como tábua rasa<sup>13</sup> e cera mui mole, eu não duvido senão que, fazendo apartados assim os ditos povoados para estas plantas novas e novos casados, se poderia d'aquestes<sup>14</sup> tais<sup>15</sup>, com a cautela que dito tenho, e que nisso se poderia ter. E eu me ofereço com ajuda de Deus a por plantar<sup>16</sup> um gênero de cristãos às direitas como todos devíamos ser e Deus manda que sejamos e por ventura como os da primitiva igreja, pois

<sup>9</sup> Cf. 2 Pedro 2,21.

<sup>10</sup> Apesar da presença do condicional “se”, o texto original conjuga no presente do indicativo, o que foi mantido na tradução.

<sup>11</sup> A expressão “*actos natos*” do original soa tão artificial em espanhol quanto em português. Parece um latinismo (*actus natus*) com o sentido de se estar naturalmente propenso a algo, no caso, a conversão à fé cristã. Uma tradução possível seria “nascidos dispostos”, mas optei por manter o estranhamento do texto original que evoca o latim.

<sup>12</sup> Citação modificada de Marcos 14,51, conforme identificado por Paz Serrano Gassent em sua edição das obras de Quiroga (2002, p. 63). O verso completo diz: “*Adulescens autem quidam sequebatur illum amictus sindone super nudo et tenuerunt eum*” (Bíblia Sacra Vulgata, 2007, p. 1601). A tradução traz: “Um jovem o seguia, e sua roupa era só um lençol enrolado no corpo. E foram agarrá-lo” (*A Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 1921).

<sup>13</sup> No original aparece “*tabla rasa*”, tradução da expressão latina *tabula rasa*, vertida aqui para o seu equivalente em português.

<sup>14</sup> Pronome equivalente a “este” (Caldas Aulete; Valente, [S.d.]), em desuso.

<sup>15</sup> O longo período torna esta frase de difícil compreensão. “Aquestes tais” a que se refere Quiroga podem ser os índios a serem evangelizados, caso essa expressão remeta ao início da oração. Se for assim, o sentido explícito será: “se poderia d'aquestes tais *fazer bons cristãos*”. É menos provável, mas não impossível, que a expressão remeta à oração anterior, aos “pais, parentes e naturais”, o que levaria a um sentido diferente: “d'aquestes tais *manter distância*”. De qualquer forma a ênfase geral do texto é clara e aponta para a necessidade de construir novos povoados para fomentar e garantir a evangelização dos índios.

<sup>16</sup> No original: “*poner plantar*”. A sintaxe correta deve ser “*ponerme a plantar*”, que resultaria em português “pôr-me a plantar”.



poderoso é Deus tanto agora como então, para fazer e cumprir tudo aquilo que seja servido e for conforme a sua vontade guiando-o Ele, mormente favorecendo-o sua Majestade e vossa Senhoria e esses senhores, como tenho dito, aprovando-o e enviando a mandar que assim se faça e que façam as igrejas e edifícios os índios das comarcas de donde se hão de fazer e que deem os baldios para isso, ou se lhes tomem, pois tudo é para eles mesmos e para seus filhos e descendentes e parentes e para o prol e bem comum de todos donde se hão de recolher os órfãos e pobres das tais comarcas e ser doutrinados e ensinados nas coisas de nossa santa fé, que será uma grande obra pia e mui proveitosa e satisfatória para o descargo dos espanhóis que acá hão passado, que se crê que mataram e foram causa de ser mortos nas guerras e minas os pais e mães dos tais órfãos e de haver quedado assim pobres, que andam pelos mercados e ruas a buscar de comer o que deixam os porcos e os cachorros, coisa de grande piedade de ver e estes órfãos e pobres são tantos, que não é coisa de se poder crer se não se vê.

Por outras duas ou três cartas que, depois que cheguei a esta Nova Espanha, tenho escrito a vossa Senhoria, e dando a relação de outras coisas que aqui não refiro, porque creio as terá recebido vossa Senhoria, se assim é, lhe suplico se proveja<sup>17</sup> em tudo especialmente se será bom lançar às minas os que se houverem de condenar por delitos graves de rebeliões, homicídios, sacrifícios, idolatrias e furtos e outros semelhantes que se cometem por estes naturais, muitos em muita quantidade, da maneira que lá se condenam às galeras ou como em tempo da boa polícia dos romanos os danavam e condenavam ao metal; e nisto a eles se lhes fazia honra em salvar-lhes a vida e os membros, e se poderia ter tal ordem nisso, que se fizessem ali melhores Xpaãos que estando em suas terras, e purgariam seus pecados e dariam exemplo aos outros para que não cometam os tais delitos, e se lhes poderia deixar a porta aberta da vontade de sua Majestade para que, purgando seus pecados ali por algum tempo e se dando à virtude de maneira que parecesse<sup>18</sup> já estar conformados e feito hábito nela, ao contrário do que eram quando ali os lançaram, sua Majestade lhes poderia fazer mercê de volvê-los a suas terras e em sua liberdade, e isto porque em confiança disso fossem bons Xpaãos e se fizessem virtuosos e não vivessem sem esperança; e assim se crê que não se despovoariam as minas como se pensa que, andando o tempo, se despovoariam, a causa de provisão santa que trouxemos e fizemos apregoar para que não se possam fazer nem façam escravos nas guerras, e sua Majestade seria disso mui servido e sua fazenda

---

<sup>17</sup> No original: “*le suplico se provea*”. Novamente se nota a ausência de palavras: “*le suplico que se provea lo necesario*” é o sentido da frase. Em português: “lhe suplico que se proveja o necessário”.

<sup>18</sup> A falta de concordância verbal segue o original.

teria proveito<sup>19</sup>, se não me engano. Vossa Senhoria o mande prover como seja servido Deus Nosso Senhor e sua Majestade e a vossa Senhoria e esses senhores lhes pareça lá, porque cá nos parece uma das boas provisões e ordem que se poderia ter assim para o dito serviço, como para a conservação da terra e dos naturais dela e das ditas minas. Sobre isso aconteceu agora aqui um desconcerto de um tenente de capitão do Marquês<sup>20</sup>, que, havendo-o enviado a aplanar certo levantamento dos Yopelcingos<sup>21</sup>, conforme a isto e de maneira e com aviso que não se fizessem escravos por guerra, senão que os culpados fossem primeiramente por nós condenados, segundo a culpa de cada um, a cavar as minas por certo tempo, porque eles castigassem e os outros recebessem exemplo, até que por sua Majestade se mandasse outra coisa, o dito tenente, entendendo mal o acordado e as instruções, repartiu entre os que com ele foram, segundo ele confessou, obra de dois mil índios que tomou a força, que se lhe fizeram fortes<sup>22</sup> num penhasco, dos quais todos os mais se pensa que são crianças e mulheres, do que cá recebemos não pouco desgosto e temos preso o dito capitão e repreendemos<sup>23</sup> muito ao Marquês, porque lhe deu a instrução algo obscura, e até agora está acordado que eu vá recolher todos os que repartiu que se pudessem haver, e saber o que fez e como fez, e fazer o que nisso se deva fazer com justiça. Dizem que é setenta léguas desta cidade; vindo, escreverei o que sucedesse<sup>24</sup> na jornada que creio será proveitosa a saída para ordenar algumas coisas, e acordou-se que fosse um de nós pela pouca confiança que em semelhante caso se tem nos demais, e assim pensamos fazer nas outras coisas que sucederem que sejam de importância, ainda que seja, como na verdade é, a muito custo nosso, que havemos de caminhar a maneira de Castela e perigo de nossa saúde, mas é crueldade deixá-lo de fazer. E portanto conviria muito que viesse o Presidente, porque com sua presença se pudesse cumprir com a ordenança de estar três nas audiências, porque se poderia despachar as coisas despedientes<sup>25</sup>, que são cá

---

<sup>19</sup> No original: “*su hacienda aprovechada*”. *Aprovechar* carrega o sentido de “ser proveitoso” ou “ter proveito” (Brandão; Berliner, 2001, p. 99).

<sup>20</sup> Marquês del Valle, o conquistador Hernán Cortez.

<sup>21</sup> Povo que vivia na região do atual estado de Guerrero, ao sul da Cidade do México.

<sup>22</sup> “Fazer-se forte” é o mesmo que “fortificar” (Silva, 1831).

<sup>23</sup> No original tanto “recebemos” como “reprendemos” usam a forma composta com o verbo “*haber*”, mas que tem o sentido do pretérito perfeito em português. O uso do pretérito composto mudaria o sentido do texto.

<sup>24</sup> No original: “*sucediese*”, pretérito imperfeito do modo subjuntivo com o sentido de “haver sucedido”.

<sup>25</sup> “Despediente” significa “que despede” (Caldas Aulete; Valente, [S.d.]), sentido idêntico ao do original espanhol “*despidiente*” (DLE, 2014). O verbo “despedir” tem acepções semelhantes em espanhol e em português, sendo que no espanhol antigo a definição é ainda mais próxima (Covarrubias Horozco, 1611, p. 661). O Houaiss (2001) traz muitos significados para despedir, o que dá a medida da dificuldade com essa palavra. Entre eles está “aviar, despachar”, que é o que melhor se encaixa aqui. Assim, a expressão “as coisas despedientes” pode ser entendida como “as coisas que demandam despacho” ou “as coisas que

muitos e mui pesados, e outro poderia andar sobressalente às coisas semelhantes que se oferecem e outros três poderiam cumprir com as audiências e, entretanto que o Presidente vem<sup>26</sup>, se deve mandar dispensar da ordenança que diz que ao menos estejam três nas audiências, para que possam estar somente os dois pelas causas que tenho dito e também porque possa ir um ao cárcere que está fora desta Audiência para tramitar<sup>27</sup> os processos criminais, e o outro possa se entender com os expedientes, e os outros dois residam nas Audiências, porque de necessidade o havemos feito e fazemos assim algumas vezes, porque a ordenança também o sofre<sup>28</sup>, que, salvo caso de necessidade, procuramos o mais claro em sem escrúpulo.

Também escrevemos sobre um povoado que se chama Cuyoacán e Tlacubaya<sup>29</sup>; que é dos nomeados na mercê do Marquês, e o que sua Majestade nos manda pela instrução secreta que, se é prejudicial a esta cidade, se lhe contemos os 23.000 vassalos, e, porque o tenho visto por vista de olhos, digo que, se se desse ao Marquês, o prejuízo que nisso se faria a esta cidade é mui notável, por ser como é seus pés e suas mãos desta cidade, e por tal se opôs à mercê, e certo com muita razão, porque, como esta cidade pela parte na direção de Tezcucó<sup>30</sup> não tenha terra senão água da lagoa e esse pouco de terra tenha pela parte onde a tem cercada o término<sup>31</sup> do dito lugar de Cuyoacán e Tlacubaya, e neste término tem os montes de que se sói aproveitar de lenha e madeira para os edifícios, não há dúvida a meu ver senão que, quitando-lhe a esta cidade o dito término e jurisdição dele, dava-se lhe um rei afogado<sup>32</sup> e quedava mui diminuída e desapropriada dos términos e montes que há mister, que quase não pode viver sem eles, demais das revoltas e diferenças que sempre sobre isso e sobre as jurisdições haveria entre esta cidade e o Marquês e ainda algumas vezes com esta Chancelaria Real, porque não é possível menos, segundo está tão vizinho e à mão o inconveniente; e com estar tão cerca a guarida dos malfeitores e delinquentes que houvesse nessa cidade, se fariam muitos mais delitos nela dos que se fazem e quedariam

---

precisam ser encaminhadas". Chegar a esse significado é difícil mesmo no texto espanhol, por isso escolhi manter a dificuldade em português.

<sup>26</sup> Essa expressão tem o sentido de “enquanto o presidente não vem”.

<sup>27</sup> No original: “sustanciar”, que significa “tramitar un asunto o juicio hasta que quede resuelto en una sentencia” (DLE, 2014). O cognato “substanciar” não carrega o mesmo sentido jurídico (Caldas Aulete; Valente, [S.D.]; Villar; Franco; Houaiss, 2001), daí a opção por “tramitar”.

<sup>28</sup> No sentido de “admitir, permitir” (Caldas Aulete; Valente, [S.d.])

<sup>29</sup> Coyoacán e Tlacubaya, localidades pré-hispânicas, hoje bairros da Cidade do México.

<sup>30</sup> Texcoco, localidade pré-hispânica a leste da Cidade do México, foi a base de Cortez para a conquista de México-Tenochtitlán.

<sup>31</sup> Término tem aqui o sentido de limite ou circunscrição (Villar; Franco; Houaiss, 2001).

<sup>32</sup> No original: “se le daba mate ahogado”. Em português “**Rei afogado** ou **empate por afogamento** é uma situação no xadrez onde o enxadrista tem a vez de jogar, não está em xeque, mas não tem movimentos válidos. O afogamento termina o jogo com um empate e está disposto nas leis do xadrez.” (“Rei afogado”, 2016).

sem castigo. E por quitar esses inconvenientes também lhe estaria bem ao Marquês que, no caso de que isso coubesse em sua mercê, o deixasse ou se lhe quitasse por outro tanto que em outra parte se lhe desse, que não fosse tão prejudicial; assim que não convém quitá-lo a esta cidade de nenhuma maneira.

Como a terra seja tão extensa, tem muita necessidade de muitos mais obreiros religiosos dos que aqui há no presente, e que sejam proveitosos em vida e doutrina, e da bondade e estreiteza, se possível fosse, dos que cá residem, que na verdade, a meu ver, ainda que são poucos, são servos de Deus e dão grande fruto, especialmente os franciscanos nesta cidade e sua comarca onde quer que estão, porque se dão muito a isso e trabalham mais na doutrina dos meninos filhos dos naturais, que parece ser a via mais acertada para a conversão deles, e a que parece que há de prevalecer, e que mais maneira e caminho leva para isso; porque têm grande número destes meninos em suas casas e mosteiros tão bem doutrinados e ensinados, que muitos deles, demais de saber o que a bons cristãos convém, sabem ler e escrever em sua língua e na nossa e em latim e cantam cantochão e de órgão, sabem apontar livros disso, bastante bem, e outros pregam, coisa certo muito para ver e dar graças a Nosso Senhor. Mas com tudo convém, para aqueste fruto, que seja mostrado sobre a face desta terra, que não menos é de dar graças a Nosso Senhor, de ver sua temperança e bondade e qualidade, porque, por falta de celeiros, não pereça, se dê ordem e favor como se façam estes povoados novos que dito tenho, donde se recolha este fruto e, se este aparelho de povoados donde se recolha é Deus servido, que se faça, este será, se eu não me engano, o más formoso e mais fértil agosto<sup>33</sup> que hoje haja no mundo. Não se me oferece outra coisa ao presente que dar conta a Vossa Senhoria, cuja mui ilustre pessoa Nosso Senhor guarde por mui longos anos e estado acrescente a seu serviço. Desta cidade de Tenuxtitan México a XIII de agosto de 1531 anos.

Mui ilustre Senhor

de Vossa Senhoria humilde criado e servidor que suas mãos beijo.

Licenciado Quiroga.

---

<sup>33</sup> Agosto se refere aqui à temporada da colheita dos grãos, sentido dado à palavra tanto em espanhol quanto em português (Caldas Aulete; Valente, [S.d.]; *DLE*, 2014).

## Fontes

- AGUAYO SPENCER, Rafael. *Don Vasco de Quiroga: Taumaturgo de la organización social. Seguido de un apéndice documental*. México: Ediciones Oasis, 1970.
- AGUAYO SPENCER, Rafael. *Don Vasco de Quiroga. Documentos*. México, D.F.: Editorial Polis, Biblioteca Mexicana, 1940.
- AGUAYO SPENCER, Rafael. *Don Vasco de Quiroga. Pensamiento Jurídico. Antología*. México: Miguel Ángel Porrúa, 1986. Edição e notas de José Luis Soberanes. Disponível em: <<http://biblio.juridicas.unam.mx/libros/libro.htm?l=638>>. Acesso em: 1 jun. 2016.
- Don Vasco de Quiroga, legislador, hombre de la justicia y del derecho*. México, D.F.: Testimonio Compañía Editorial LXI Legislatura Cámara de Diputados, 2011.
- QUIROGA, Vasco De. *La utopía en América*. Edição, introdução e notas de Paz Serrano Gassent. Madri: Dastin, 2002.

## Referências bibliográficas

- A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BATAILLON, Marcel. *Erasmus y España: estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1966.
- BRANDÃO, Eduardo; BERLINER, Claudia (Trad.). *SEÑAS: Dicionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños* Universidad de Alcalá de Henares, Departamento de Filología. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CALDAS AULETE, Francisco J.; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. *Dicionário online Caldas Aulete*. Edição brasileira original: Hamílcar de Garcia. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 18 ago. 2015.
- CARVALHO, Helder Julio Soares De. Breves considerações acerca do léxico na Carta de Caminha. *Revista Philologus*, v. 4, n. 11, p. 38–51, 1998. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(11\)38-51.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(11)38-51.html)>. Acesso em: 4 jan. 2017.
- COVARRUBIAS HOROZCO, Sebastián De. *Tesoro de la lengua castellana o española*. En Madrid: por Luis Sanchez, 1611. Disponível em: <http://fondosdigitales.us.es/fondos/libros/765/16/tesoro-de-la-lengua-castellana-o-espanola/>. Acesso em: 17 ago 2015.
- DEALY, Ross. *Vasco de Quiroga's thought on war: its erasmian and utopian roots*. Tese de doutorado – Indiana University, Bloomington, 1975.
- Diccionario de la lengua española*. Disponível em: <<http://dle.rae.es/>>. Acesso em: 18 ago. 2015.
- Genealogia FB: Listas de abreviaturas paleográficas e termos antigos*. Disponível em: <<http://genealogiafb.blogspot.com.br/2015/01/listas-de-abreviaturas-paleograficas-e.html>>. Acesso em: 4 jan. 2017.

- GRYSON, Roger *et al.* (Ed.). *Biblia Sacra Vulgata*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007. Disponível em: <<http://www.scholarly-bibles.com/products/Original-Texts/New-Testament/Latin/Vulgata.html>>.
- REI AFOGADO. *Wikipédia, a enciclopédia livre*. [S.l: s.n.], 3 nov. 2016. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rei\\_afogado&oldid=47113425](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rei_afogado&oldid=47113425)>. Acesso em: 9 jan. 2017.
- SERRANO GASSENT, Paz. Introducción. *La utopía en América*. Madri: Dastin, 2002. p. 5–57.
- SILVA, António de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*: composto. Lisboa: Impressão regia, 1831.
- VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello; HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- WARREN, Fintan B. *Vasco de Quiroga and his pueblo-hospitals of Santa Fe*. Washington, DC: Academy of American Franciscan History, 1963.
- ZAVALA, Silvio Arturo. *Recuerdo de Vasco de Quiroga*. México: Editorial Porrúa, 2007.

**Carta al Consejo del licenciado Quiroga, oidor de aquella Audiencia sobre la venida del obispo de Santo Domingo al presidente de la misma Audiencia y sobre otras cosas de que habla en su carta a aquel tribunal a 14 de agosto<sup>34</sup>.**

**1531.**

Muy Ilustre señor: Porque por la carta que todos juntos escribimos a su Majestad, que vuestra Señoría verá, escribimos asaz largo sobre todo lo que acá se ofrece qué hacer saber, ésta solamente será para besar los pies y las manos de vuestra Señoría y decir mi parecer más en particular sobre algunas cosas de las que, así, todos juntos escribimos; y en lo que toca a la venida del obispo de Santo Domingo, por Presidente, por ser tan necesaria como por otras particularmente tengo escrito a vuestra Señoría y a esos señores del Consejo de las Indias, en ninguna manera se debe disimular ni dilatar ni cambiar por venida de otro, si ya no concurriesen en él las calidades que concurren en el obispo, así de perlado como de ciencia y conciencia y experiencia de las cosas de estas partes y de la buena orden de audiencia y chancillería real, de que aquí ha habido y hay necesidad; porque, según del obispo conocí, lo poco que le vi y conversé en Santo Domingo, y lo que después que llegué a esta Nueva España acá he visto, me parece que es tan importante la venida de su persona, que no se le debe dejar a su albedrío, porque, proveído esto, con efecto se provee, a mi ver, más de lo que se piensa. Enviar caballero por presidente no conviene más que enviar un fuego, porque acá para cosas de guerra no es menester, y conviene que sea persona de letras y experiencia y mucha conciencia y sin codicia, que nos ayude a llevar tan grande e importante carga como tenemos a cuestras, y, si necesario es, nos guíe en lo que no alcancemos.

También escribimos sobre ciertas poblaciones nuevas de indios que conviene mucho hacerse, que estén apartadas de las viejas, en baldíos que no aprovechan a las viejas y de que, trabajando, se podrán muy bien sustentar estas nuevas poblaciones que digo, rompiendo y cultivando los dichos baldíos, y ésta es sin duda una gran cosa y muy útil y necesaria, porque de ello se siguen los provechos siguientes: Uno, que lo baldío y estéril aprovechará y dará su fruto y se cultivará y no estará perdido. Lo otro, que estas nuevas poblaciones se han de hacer de los indios que desde muchachos se crían y doctrinan con

---

<sup>34</sup> Texto de acordo com a edição de 2011.

gran diligencia y trabajo de los frailes que están en estas partes, en la disciplina Xpiana, en los monasterios, de los cuales hay mucho número de ellos y, en llegando a la edad núbil, los frailes los casan por les quitar otras ocasiones y pecados; y los unos por el peligro que hay de los volver entre las idolatrías de sus padres y de ellos, en que parece que están ya confirmados por tan luengo tiempo, y los otros por ser pobres y huérfanos y no tener donde les enviar ni que les dar, ni manera alguna para su sustentación; y habiendo ya como hay de ellos muchos casados, vense los frailes en mucha perplejidad y congoja, y todos nos vemos en ella, porque los frailes nos piden el remedio y no sabemos ni hay otro que les dar, sino el de estos pueblos nuevos, donde, trabajando y rompiendo la tierra, de su trabajo se mantengan y estén ordenados en toda buena orden de policía y con santas y buenas y católicas ordenanzas; donde haya y se haga una casa de frailes, pequeña y de poca costa para dos o tres o cuatro frailes, que no alcen la mano de ellos, hasta que por tiempo hagan hábito en la virtud y se convierta en naturaleza y será tanto el número, que en poco tiempo se podrían juntar en estas nuevas repúblicas que no se podría fácilmente creer (e) cada cual estaría poblado en los baldíos de los términos de su comarca, porque en cada se ha de edificar un pueblo de éstos, y porque hay tantos, que parece que son como las estrellas en el cielo y arenas en la mar, que no tienen cuento y no se podría allá creer la multitud de estos indios naturales, y así su manera de vivir es un caos y confusión, que no hay quien entienda sus cosas ni maneras, ni pueden ser puestos en orden ni policía de buenos Xpianos, ni estorbarles las borracheras e idolatrías ni otros malos ritos y costumbres que tienen, si no se tuviese manera de los reducir en orden y arte de pueblos muy concertados y ordenados, porque, como viven tan derramados sin orden ni concierto de pueblos, sino cada uno donde tiene su pobre pegujalejo de maíz, alrededor de sus casillas, por los campos, donde sin ser vistos ni sentidos pueden idolatrar y se emborrachar y hacer lo que quisieren, como se ha visto y ve cada día por experiencia. Y, si los muchachos que se han criado y crían en los monasterios se hubiesen de volver a este vómito, confusión y peligro que dejaron, y a la mala y peligrosa conversación de sus padres, deudos y naturales, como sea cosa natural toda cosa volverse de fácil a su naturaleza, muy ligeramente se pervertirían volviéndose a su natural, y sería perderse lo servido y trabajado por estos muy provechosos y no menos religiosos padres, y mejor no haber sido Xpianos que retroceder, y no pequeña culpa de negligencia de todos. Y, si esto Dios lo guía, como espero que lo ha de guiar, por ser una tan gran cosa que no se puede por palabras, a mi ver, explicar, y vuestra Señoría y los señores del Consejo de las Indias lo favorecen de manera que haya efecto, pues esto de la buena conversión de estos naturales debe ser el principal intento y



fin de lo que en las cosas de estas partes entienden, como esta gente no sepa tener resistencia en todo lo que se les manda y se quiera hacer de ellos y sean tan dóciles y actos natos para se poder imprimir en ellos, andando buena diligencia, la doctrina Xpiana a lo cierto y verdadero, porque naturalmente tienen innata de humildad, obediencia y pobreza y menosprecio del mundo y desnudez, andando descalzos con el cabello largo sin cosa alguna en la cabeza, *Amicti sindone super nudo* a la manera que andaban los apóstoles y, en fin, sean como tabla rasa y cera muy blanda, yo no dudo sino que, haciendo apartados así los dichos pueblos para estas plantas nuevas y nuevos casados, se podría de aquestos tales, con el recaudo que dicho tengo, y que en ello se podría tener. Y yo me ofrezco con ayuda de Dios a poner plantar un género de cristianos a las derechas como todos debíamos ser y Dios manda que seamos y por ventura como los de la primitiva iglesia, pues poderoso es Dios tanto ahora como entonces, para hacer y cumplir todo aquello que sea servido y fuere conforme a su voluntad guiándolo El, mayormente favoreciéndolo su Majestad y vuestra Señoría y esos señores, como tengo dicho, aprobándolo y enviando a mandar que así se haga y que hagan las iglesias y edificios los indios de las comarcas de donde se han de hacer y que den los baldíos para ello, o se les tomen, pues todo es para ellos mismos y para sus hijos y descendientes y deudos y para pro y bien común de todos donde se han de recoger los huérfanos y pobres de las tales comarcas y ser doctrinados y enseñados en las cosas de nuestra santa fe, que será una grande obra pía y muy provechosa y satisfactoria para el descargo de las conciencias de los españoles que acá han pasado, que se cree que mataron y fueron causa de ser muertos en las guerras y minas los padres y madres de los tales huérfanos y de haber quedado así pobres, que andan por los tianguetz y calles a buscar de comer lo que dejan los puercos y los perros, cosa de gran piedad de ver y estos huérfanos y pobres son tantos, que no es cosa de se poder creer si no se ve.

Por otras dos o tres cartas que, después que llegué a esta Nueva España, he escrito a vuestra Señoría, y dando la relación de otras cosas que aquí no refiero, porque creo las habrá recibido vuestra Señoría, si así es, le suplico se provea en todo especialmente si será bueno echar a las minas los que se hubieren de condenar por delitos graves de rebeliones, homicidios, sacrificios, idolatrías y hurtos y otros semejantes que se cometen por estos naturales, muchos en mucha cantidad, de la manera que allá se condenan en las galeras o como en tiempo de la buena policia de los romanos los dañaban y condenaban al metal; y en esto a ellos se les hacía honra en salvarles la vida y los miembros, y se podría tener tal orden en ello, que se hiciesen allí mejores Xpianos que estando en sus tierras, y purgarían sus pecados y darían ejemplo a los otros para que no cometan los tales delitos, y se les

podría dejar la puerta abierta de la voluntad de su Majestad para que, purgando sus pecados allí por algún tiempo y dándose a la virtud de manera que pareciese ya estar conformados y hecho hábito en ella, al contrario de lo que eran cuando allí los echaron, su Majestad les podría hacer merced de volverlos a sus tierras y en su libertad, y esto porque en confianza de ello fuesen buenos Xpianos y se hiciesen virtuosos y no viviesen sin esperanza; y así se cree que no se despoblarían las minas como se piensa que, andando el tiempo, se despoblarían, a causa de provisión santa que trujimos e hicimos pregonar para que no se puedan hacer ni hagan esclavos en las guerras, y su Majestad sería de ello muy servido y su hacienda aprovechada, si yo no me engaño. Vuestra Señoría lo mande proveer como sea servido Dios Nuestro Señor y su Majestad y a vuestra Señoría y esos señores les parezca allá, porque acá nos parece una de las buenas provisiones y orden que se podría tener así para el dicho servicio, como para la conservación de la tierra y de los naturales de ella y de las dichas minas. Sobre esto aconteció ahora acá un desconcierto de un teniente de capitán del Marqués, que, habiéndole enviado a allanar cierto levantamiento de los Yopelcingos, conforme a esto y de manera y con aviso que no se hiciesen esclavos por guerra, sino que los culpados fuesen primeramente por nosotros condenados, según la culpa de cada uno, a cavar las minas a cierto tiempo, porque ellos castigasen y los otros recibiesen ejemplo, hasta que por su Majestad se mandase otra cosa, el dicho teniente, entendiendo mal lo acordado y las instrucciones, repartió entre los que con él fueron, según él ha confesado, obra de dos mil indios que tomó por fuerza, que se le hicieron fuertes en un peñol, de los cuales todos los más se piensa que son niños y mujeres, de que acá habemos recibido no poco enojo y tenemos preso al dicho capitán y habemos reprehendido mucho al Marqués, porque le dio la instrucción algo obscura, y hasta ahora está acordado que yo vaya a recoger todos los que repartió que se pudieran haber, y saber lo que hizo y cómo lo hizo, y hacer lo que en ello se deba hacer con justicia. Dicen que es setenta leguas de esta ciudad; venido, escribiré lo que sucediese en la jornada que creo será provechosa la salida para ordenar algunas cosas, y acordóse que fuese uno de nosotros por la poca confianza que en semejante caso se tiene de los demás, y así pensamos hacer en las otras cosas que sucedieren que sean de importancia, aunque sea, como en la verdad es, a mucha costa nuestra, que habernos de caminar la manera de Castilla y peligro de nuestra salud, pero es crueldad dejarlo de hacer. Y por tanto convendría mucho que viniese el Presidente, porque con su presencia se pudiese cumplir con la ordenanza de estar tres en las audiencias, porque se podría despachar las cosas despicientes, que son acá muchos y muy pesados, y otro podría andar sobresaliente a las cosas semejantes que se ofreciesen y otros tres podrían

cumplir con las audiencias y, entre tanto que el Presidente viene, se debe mandar dispensar con la ordenanza que dice que a lo menos estén tres en las audiencias, para que puedan estar solamente los dos por las causas que tengo dicho y también porque pueda ir el uno a la cárcel que está fuera de esta Audiencia a sustanciar los procesos criminales, y el otro pueda entender en los despedientes, y los otros dos residan en las Audiencias, porque de necesidad lo habernos hecho y hacemos así algunas veces, porque la ordenanza también lo sufre, que, salvo caso de necesidad, procuramos lo más claro y sin escrúpulo.

También escribimos sobre un pueblo que se llama Cuyoacán y Tlacubaya; que es de los nombrados en la merced del Marqués, y el que su Majestad nos manda por la instrucción secreta que, si es perjudicial a esta ciudad, se le contemos a los 23.000 vasallos, y, porque lo he visto por vista de ojos, digo que, si se diese al Marqués, el perjuicio que en ello se haría a esta ciudad es muy notable, por ser como es sus pies y sus manos de esta ciudad, y por tal se ha opuesto a la merced, y cierto con mucha razón, porque, como esta ciudad por la parte de hacia Tezcuco no tenga tierra sino agua de la laguna y esa poco de tierra la tenga por la parte por donde la tiene cercada el término del dicho lugar de Cuyoacán y Tlacubaya, y en este término tiene los montes de que se suele aprovechar de leña y madera para los edificios, no hay duda a mi ver sino que, quitándole a esta ciudad el dicho término y jurisdicción de él, se le daba mate ahogado y quedaba muy menoscabada y desapropiada de los términos y montes que ha menester, que casi no puede vivir sin ellos, demás de las revueltas y diferencias que siempre sobre ello y sobre las jurisdicciones habría entre esta ciudad y el Marqués y aún algunas veces con esta Chancillería Real, porque no es posible menos, según está tan vecino y a la mano el inconveniente; y con estar tan cerca la guarida de los malhechores y delincuentes que hubiese en esta ciudad, se harían muchos más delitos en ella de los que se hacen y quedarían sin castigo. Y por quitar esos inconvenientes también le estaría bien al Marqués que, en caso que esto cupiese en su merced, lo dejase o se le quitase por otro tanto que en otra parte se le diese, que no fuese tan perjudicial; así que no conviene quitarlo a esta ciudad en ninguna manera.

Como la tierra sea tan larga, tiene mucha necesidad de muchos más obreros religiosos de los que acá hay al presente, y que sean aprovechados en vida y doctrina, y de la bondad y estrechez, si posible fuese, de los que acá residen, que en la verdad, a mi ver, aunque son pocos, son siervos de Dios y hacen gran fruto, especialmente los franciscanos en esta ciudad y su comarca doquiera que están, porque se dan mucho a ello y trabajan más en la doctrina de los muchachos hijos de los naturales, que parece ser la vía más acertada para la conversión de ellos, y la que parece que ha de prevalecer y que más manera y camino lleva

para ello; porque tienen gran número de estos muchachos en sus casas y monasterios tan bien doctrinados y enseñados, que muchos de ellos, demás de saber lo que a buenos cristianos conviene, saben leer y escribir en su lengua y en la nuestra y en latín y cantan canto llano y de órgano, saben apuntar libros de ello, harto bien, y otros predicán, cosa cierto mucho para ver y para dar gracias a Nuestro Señor. Pero con todo conviene, para aqueste fruto, que sea mostrado sobre la haz de esta tierra, que no menos es de dar gracias a Nuestro Señor, de ver su templanza y bondad y calidad, porque, por falta de graneros, no perezca, se dé orden y favor cómo se hagan estos pueblos nuevos que dicho tengo, donde se recoja este fruto y, si este aparejo de pueblos donde se recoja es Dios servido, que se haga, éste será, si yo no me engaño, el más hermoso y más fértil agosto que hoy haya en el mundo. No se me ofrece otra cosa al presente de que dar cuenta a Vuestra Señoría, cuya muy ilustre persona Nuestro Señor guarde por muy largos años y estado acreciente a su servicio. De esta ciudad de Tenuxtitan México a XIII de agosto de 1531 años.

Muy ilustre Señor

de Vuestra Señoría humilde criado y servidor que sus manos beso.

Licenciado Quiroga